

MATERIAIS DE ÉPOCA VISIGÓTICA DE JUROMENHA (ALENTEJO)

Fernando Branco Correia

Juromenha é uma pequena vila do concelho do Alandroal (distrito de Évora), localizando-se, sensivelmente a 16 Km da sede do concelho e a igual distância de Elvas, para sul, precisamente junto ao rio Guadiana.

Dispomos de algumas informações sobre Juromenha para os séculos anteriores à definitiva integração no território português. Conhecem-se vestígios da ocupação romana tanto na própria povoação como na região circundante.¹ Sobre a ocupação do período islâmico também não faltam elementos. Na verdade, este lugar é referido por Ibn Hawqal² já no século X e, para o século XII dispomos de alguma informação em Ibn Şāhib al-Salā.³

No entanto, para o período que medeia entre o domínio romano e o islâmico há um hiato em relação ao qual a literatura arqueológica até há pouco tempo não tinha dado informações. Contudo, em 1984 o autor destas linhas tinha já dado a conhecer a existência de pedras datando provavelmente do período visigótico, colocadas numa das torres da fortificação.⁴ Mais recentemente, num novo artigo, essas peças voltam a ser referidas⁵ mas, até ao momento, não foram devidamente descritas nem publicadas.

1. Cf. LAMBRINO, SCARLAT. *L. Fulcinus Trio, gouverneur de Lusitanie, sur une tabula patronatus de Juromenha*, pp. 5 a 24; VIANA, ABEL. *Notas de Arqueologia Alto Alentejana*, pp. 1 a 38; MACIEL, MANUEL JUSTINO E MACIEL, T.D. *Novas inscrições romanas de Elvas e Juromenha*, núm. 64.

2. *Configuración el Mundo*, pp. 15 e 68.

3. *Al-Mann bil-Imāma*, pp. 138, 149 e 150.

4. O Castelo Árabe-Medieval de Juromenha, comunicação apresentada ao *I Simposium sobre Castelos Raianos de Portugal e Espanha*, Portalegre-Badajoz.

5. CORREIA, F. BRANCO; PICARD C., Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha - primeiros resultados, *Arqueologia Medieval*, I, pp. 72 e 75.

Por outro lado, temos levado a cabo, desde 1988, escavações arqueológicas no interior do castelo de Juromenha (fig. 1), no quadro de uma equipa luso-francesa. Contudo, até ao momento, ainda não se atingiram níveis pré-islâmicos; por outro lado, as várias camadas de revolvimento, escavadas até à última campanha arqueológica, não têm dado espólio claramente atribuível ao período que medeia entre a ocupação romana do Alto Império e a ocupação islâmica dos séculos X/XI.

Assim sendo, para conhecer a ocupação de Juromenha durante o período visigótico dispomos, unicamente, das peças que se apresentam de seguida e que se encontram, como já foi referido, numa das torres da fortificação.

O CASTELO DE JUROMENHA

Por tudo isso, adquire especial significado a apreciação das muralhas do recinto medieval, já que aí encontramos, frequentemente, diversos materiais anteriores, reaproveitados. Na verdade, na face norte (fig. 2), onde se encontra, ainda de pé, uma grande parte da muralha medieval-islâmica construída em taipa aparecem, nos cunhais das torres em taipa, módulos graníticos bem aparelhados e com sinais evidentes de anterior utilização. Pelas dimensões, rigor de talhe e pelos frequentes orifícios para *forceps*, pensamos tratar-se de elementos de construções do período romano.

No entanto, em uma das torres da face norte, diferente das demais em termos de aparelho e dimensões, encontramos uma situação especial.

Esta torre, com cerca de 4,60 m de frente, revestida exteriormente em alvenaria irregular, emprega, sobretudo nos cunhais (tal como grande

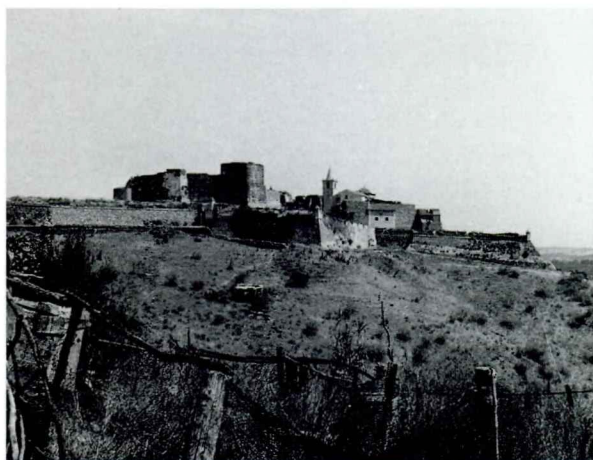


Figura 1.

parte das torres em taipa), silhares aparentemente romanos. Encontra-se envolvida, em ambos os lados, por muros numa taipa muito rica em cal, feita a partir de cofragens com uma altura que varia entre os 84 e 92 cm, o que equivale a dois côvados do tipo *ma'muni*, de época islâmica.

Muralhas em taipa com estas características poderão corresponder ao período dos *muluk at-tawa'if* (século XI), ou já às fases almorávida e almóada (séculos XII/XIII), embora a regularidade no espaçamento das torres pareça ser uma característica mais comum em fortificações do período califal (século X).⁶

Assim, poderemos admitir que a construção desta torre pode ter-se dado num período alargado, balizado entre finais do domínio visigótico e, provavelmente, o período califal ou dos Reinos de Taifas.

Ora, é precisamente nesta torre que encontramos três peças decoradas que nos fazem não recuar, em termos cronológicos, a sua construção (fig. 3). São peças que se acham na metade superior da face principal da torre, viradas sensivelmente a Norte.

A

Designação - Imposta;

Material - Mármore da região de Borba-Estremoz;

Decoração - Apresenta, na sua face visível, decoração à base de trifólios, para além de uma zona em tosco que se deveria integrar dentro da parede para que originalmente foi concebida; a

face que seria a principal e que se encontra embebida na parede da torre deixa ver o arranque de decoração à base de elementos arqueados, difíceis de definir por ora (fig. 4 e parte inferior esquerda da fig. 5).

B

Designação - Fragmento de friso;

Material - Calcáreo ou mármore, acinzentado, semelhante a alguns mármore da região de Borba;

Decoração - Peça decorada à base de uma trança, definindo uma área sensivelmente oval que contém um elemento decorativo mal definido (porque deteriorado), que poderia ter sido um botão ou uma pequena roseta (fig. 5, parte superior).

C

Designação - Pé-de-altar;

Material - Mármore do tipo de Borba-Estremoz;

Descrição - Peça com uma secção quase quadrangular; na torre foi colocada em posição horizontal; por ora, é impossível assegurar que as outras faces não tenham sido alteradas após a sua concepção original;

Decoração - a única face visível apresenta uma cruz patada com botão ao centro, envolto por decoração encordoada; a zona do capitel encontra-se fragmentada, aparentando ter tido dois sistemas de folíolos; a base apresenta decoração de inspiração clássica, muito simples, com uma escócia nítida; é visível, sob a base decorada, a parte da peça que deveria embeber-se no chão (fig. 6).

Estas três peças são, até ao momento, os únicos elementos que nos preenchem um vazio de alguns séculos, entre os domínios romano e islâmico, em relação à ocupação de Juromenha. Por outro lado,



Figura 2.

6. Cf. TERRASSE, HENRI, *Les forteresses de l'Espagne musulmane*, pp. 15 a 17.



Figura 3.

a tipologia destes materiais sugere a existência de uma construção de tipo religioso em Juromenha ou nos seus arredores.

S. BRÁS DOS MATOS

Um trabalho de prospecção e levantamento das capelas e ermidas do concelho do Alandroal e, mais concretamente, das construções deste tipo junto a Juromenha, levaram-nos a S. Brás dos Matos (cerca de 12 km a sudoeste de Juromenha, junto da localidade de Mina do Bugalho), onde, no exterior da igreja, no largo que envolve o templo (fig. 7), se encontrou uma outra peça, reutilizada e parcialmente escondida pela base de um cruzeiro.

Este cruzeiro é composto por uma alta base com uma altura que varia entre 71 e 83 cm de altura, com um pequeno degrau de cerca de 20 cm, no qual está embebida e referida peça, da qual se apreciam os 68 cm superiores; do topo escavado da peça parte uma cruz em pedra com 202 cm de



Figura 4.

altura, totalizando um monumento com cerca de 3,7 m de altura (fig. 8).

Material - Mármore da região de Borba, Vila Viçosa;

Dimensões - altura visível: 68 cm; apresenta, lateral e alternadamente, as dimensões de 28 e 31 cm;

Decoração - apresenta cruces patadas em todas as suas faces mas, numa delas, a que (intencionalmente - pensamos) está virada para o templo (31 x 68 cm), apresenta sugestão de incrustação de pedraria; ao centro da cruz desenha-se um pequeno botão com um elemento floral estilizado; a zona do capitel apresenta um sistema de folículos (fig. 9); numa das faces, por detrás, é visível que a peça se encontra algo deteriorada (fig. 10). Pequenas falhas na argamasa que une a peça à base do monumento permitem constatar que a peça está parcialmente ocultada.

CONTEXTO DOS MATERIAIS ESTUDADOS

Os elementos decorativos e formais das peças estudadas integram-se no contexto dos materiais ditos de época visigótica da Lusitânia, tendo paralelos com materiais de estações arqueológicas do sul do território português e com outros, do território espanhol, influenciados pelo foco emeritense.

Concretamente, a decoração à base de trifólios apresenta bastantes paralelos com outras peças da Lusitânia, como é o caso, só para dar alguns exemplos mais conhecidos, de Mérida e Beja.⁷ A datação proposta não difere da desses casos e deverá situar-se no século VII.

As peças com decoração à base de entrançados, têm também paralelos em Mérida e sua região,⁸ Badajoz, bem como em Beja e Vera Cruz de Marmelar.⁹

Quanto aos chamados pés-de-altar, apresentam semelhanças com as peças encontradas em Torrão,¹⁰ Abóbada (Serpa)¹¹ e Mértola.¹² A peça encontrada no Torrão foi datada de finais do sécu-

7. Cf. M^a. CRUZ VILLALÓN. *Mérida Visigoda: La escultura arquitectónica y litúrgica*, p. 391 e *Núcleo Visigótico: Museu Regional de Beja*, catálogo da exposição presente em Beja, na igreja de Santo Amaro, p. 96.

8. CRUZ VILLALÓN, *Ibidem*, p. 337.

9. ALMEIDA, FERNANDO DE. *Pedras visigóticas de Vera Cruz de Marmelar*, fig. 1, 1-A e 9.

10. ALMEIDA, FERNANDO DE; PAIXÃO, J. e A. CAVALEIRO. *Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal)*, p. 220, fig. 2.

11. ALMEIDA, FERNANDO DE; CAEIRO, JOSÉ OLÍVIO. «Pé-de-altar visigótico na Abóbada (Serpa)», pp. 339-340, fig. 3, 4, 6, 7 e 8.

12. Cf. Catálogo da exposição organizada, entre outros, por Cláudio Torres, pp. 41 e 42.



Figura 5.



Figura 6.

lo VII a partir de uma inscrição encontrada na capela próxima e que é, concretamente, de 682 d.C. Em Trujillo foi encontrada uma peça semelhante, datada de 635 d.C. Para as peças de Mértola e de Serpa foi proposto, como datação, o século VII. Na verdade, segundo Cruz Villalón,¹³ esta forma de apoio para os altares, com um só pé, é típico do século VII, momento da plena fixação deste tipo de altar. Igual opinião expressa Pedro de Palol,¹⁴ concordando plenamente com a datação proposta.

CONCLUSÕES

Embora de momento não disponhamos de muita informação, é possível, de forma muito superficial, tentar esboçar algumas reflexões.

Os materiais estudados apontam para a existência de uma ou mais construções de carácter reli-

gioso, em Juromenha e possivelmente também em S. Brás dos Matos, construções essas estreitamente ligadas ao já aludido foco artístico emeritense.

O programa construtivo deve, em termos cronológicos, centrar-se no século VII, tal como acontece em algumas outras construções da região.

Por outro lado, pensamos que a região de Juromenha poderá contribuir não só para alargar o



Figura 7.

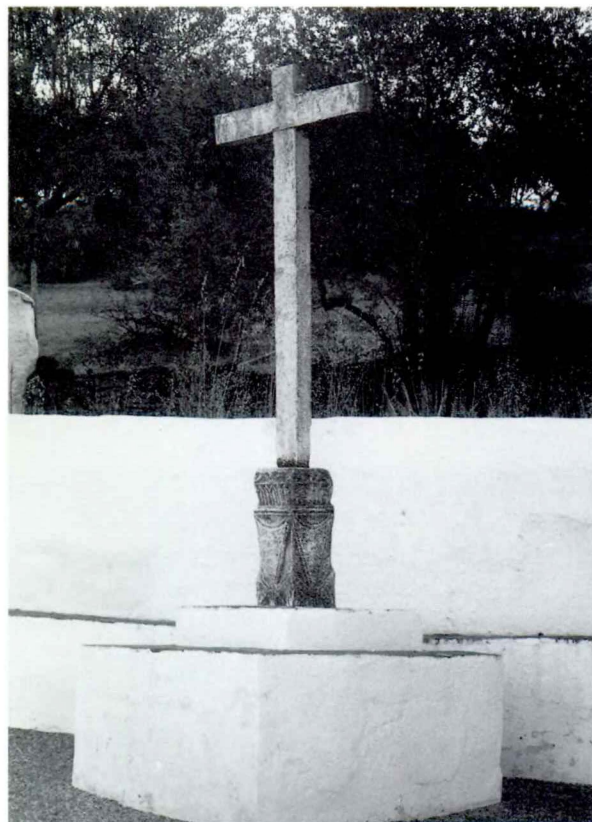


Figura 8.

13. *Op. cit.*, p. 229.

14. Cf. *Arte hispánico en la época visigoda*, p. 37.



Figura 9.

conhecimento em termos de formas de ocupação da região da bacia do Guadiana, ajudando a preencher e a melhor compreender o eixo norte-sul, junto ao Guadiana, ligando Mértola - Beja - Mérida durante o chamado período de domínio visigótico,¹⁵ como também para enriquecer as perspectivas de estudo de determinadas formas artísticas ou de elementos decorativos específicos.¹⁶ Como exemplo, cite-se o caso dos chamados Pés-de-altar, de que se assinalavam poucos testemunhos, até há pouco tempo, em território português, fornecendo esta região dois exemplares, tipologicamente semelhantes, mas não completamente iguais.

Em termos arqueológicos, embora decorram

15. Ver a este propósito CRUZ VILLALÓN, M^a., *op. cit.*, p. 31 e seguintes, a propósito do eixo norte-sul, na perspectiva da penetração de influências africanas que se estendem ao longo do Guadiana.

16. Cf. mapa com a distribuição dos principais locais, junto ao Guadiana, em que apareceram vestígios arqueológicos desta época e que contém algumas outras localidades com achados significativos.



Figura 10.

desde 1988 escavações na área interior do castelo de Juromenha, são nulas as informações chegadas por esta via, até ao momento. De qualquer das formas parece não haver dúvidas de que em Juromenha houve uma ocupação continuada, entre os períodos romano e islâmico e que dessa ocupação fazia parte um templo cristão cuja localização e principais características ainda não conhecemos.

Quanto a S. Brás dos Matos, não dispomos, até ao momento, de informações sobre outros elementos arquitectónicos junto ou dentro da igreja. Esta construção, contudo, merece um estudo atento e, senão uma intervenção arqueológica, pelo menos um cuidado acompanhamento de quaisquer obras que se venham a realizar. O interesse arqueológico de S. Brás dos Matos é relevante até por que, numa pequena elevação a Este da igreja foram recolhidas, à superfície, alguns fragmentos de *tegullae*. Se em relação ao pé-de-altar de S. Brás dos Matos se poderia pôr a hipótese de ter vindo de outro sítio, que poderia ser Juromenha ou de algum outro local não muito afastado, o apareci-

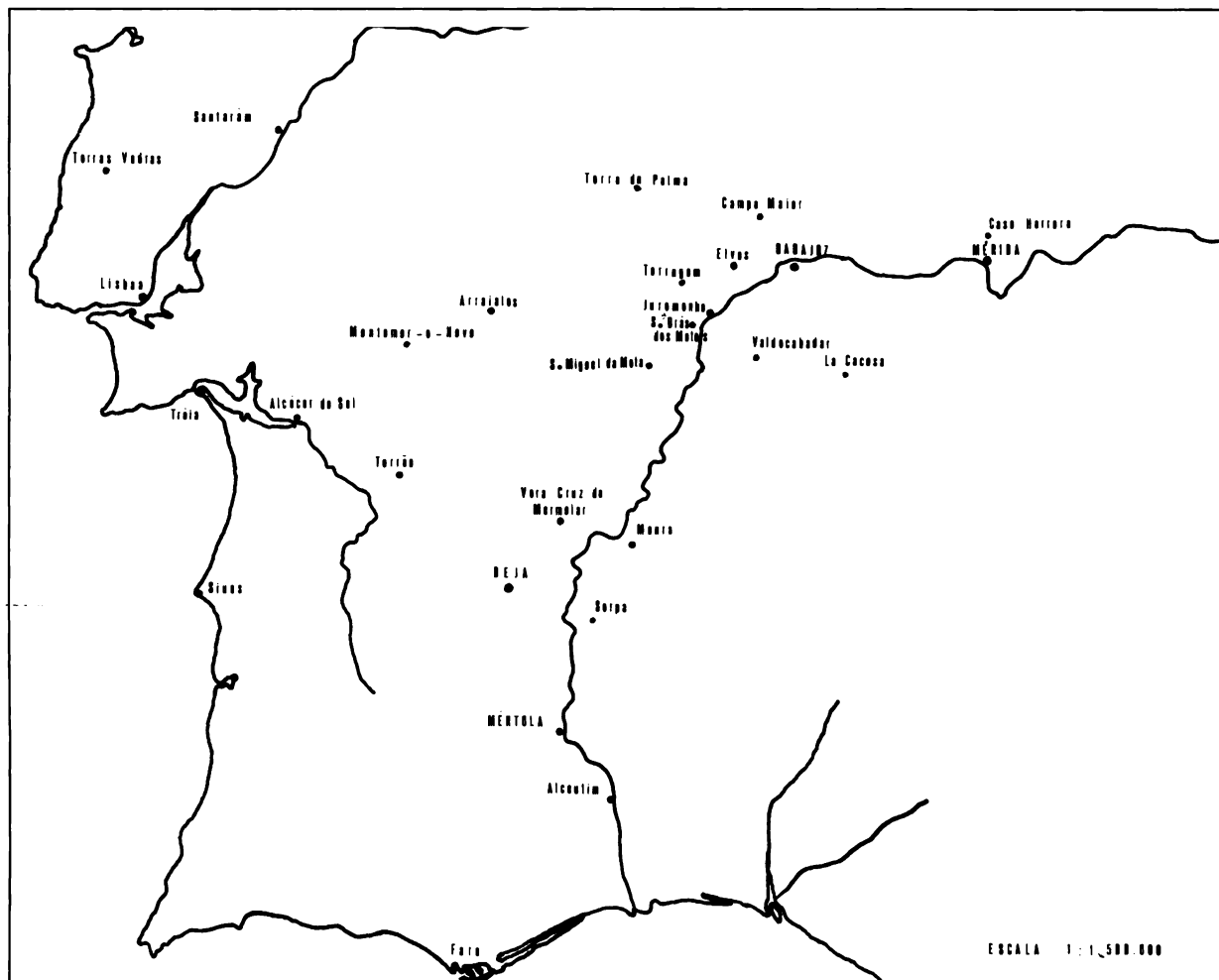


Figura 11.

mento de outras evidências arqueológicas reforça a ideia de que a área de S. Brás dos Matos pode ter tido uma ocupação mais antiga do que à primeira vista se pensava. Essa ocupação, possivelmente longa em termos cronológicos, poderia contar com uma construção religiosa do século VII, na área da actual capela, ou perto dela.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., 1991. *Museu de Mértola: I: Núcleo do Castelo-Catálogo*, Mértola.
- AA.VV., 1993. *Núcleo Visigótico: Museu Regional de Beja*, Beja.
- ALMEIDA, F. de, 1954. *Pedras visigóticas de Vera Cruz de Marmelar*, Lisboa.
- ALMEIDA, F. de e CAEIRO, J. O., 1978. Pé-de-altar visigótico na Abóbada (Serpa), *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, (1977), pp. 337-344.
- ALMEIDA, F. de e PAIXÃO, J. e A. C., 1978. Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal), *Setúbal Arqueológica*, IV, pp. 215-226.
- CORREIA, F. B. e PICARD, C., 1992. Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha - primeiros resultados, *Arqueologia Medieval*, I, pp. 71-89.
- CRUZ VILLALON, M., 1985. *Mérida Visigoda: La escultura arquitectónica y litúrgica*, Badajoz.
- IBN ŞĀHĪB AL-SALĀ, 1969. *Al-Mann bil-Imāma*, Amubar ed., Textos Medievales 24, Valencia.
- IBN HAWQAL, 1971. *Configuración del Mundo*, Amubar ed., Textos Medievales 26, Valencia.
- LAMBRINO, S., 1953. *L. Fulcinius Trio, gouverneur de Lusitanie, sur une tabula patronatus de Juromenha*, Lisboa.
- MACIEL, M. J. e MACIEL, T. D., 1985. Novas inscrições romanas de Elvas e Juromenha, *Ficheiro Epigráfico*, 15, Coimbra.
- PALOL, P. de, 1968. *Arte Hispánico en la época visigoda*, Barcelona.
- TERRASSE, H., 1954. *Les Forteresses de l'Espagne musulmane*, Madrid.
- VIANA, A., 1955. *Notas de Arqueologia Alto Alentejana*, Évora.